



### AS CONDIÇÕES ATMOSFÉRICAS:

Durante as semanas que precederam o inverno, as condições atmosféricas eram as piores possíveis: a temperatura era muito baixa (até 20°C abaixo de zero) e chovia com frequência. Ao amanhecer, tudo estava coberto de geada e no cume dos morros o gelo era permanente. As encostas ficavam escorregadias e os vales inundados de lama líquida. Além disso, os dias eram mais curtos, clareando às 7:30h e escurecendo pelas 16:30h. Tudo isso, além de prejudicar a movimentação de homens e de máquinas, impedia o apoio aéreo.

### AS FORÇAS DO EIXO:

A frente italiana estava sob a responsabilidade do Grupo-de-Exércitos "C", sob o comando do Generaloberst Heinrich von Vietinghoff. Subordinados a ele estavam três exércitos alemães: 10º, 14º e "Exército da Ligúria", este defendendo a fronteira com a França. O 14º era composto pelo 14º Corpo Panzer e pelo 51º Corpo de Montanha. Dentro do 51º Corpo estava a 232ª Divisão de Granadeiros (Infantaria), do general Barão Eccart von Gablenz, um veterano de Stalingrado.



General von Gablenz

A 232ª foi ativada a 22/06/44, era formada por veteranos convalescentes que foram feridos na frente russa e era classificada como "Divisão Estática". Era composta por três regimentos de infantaria (1043º, 1044º e 1045º, cada um com apenas dois batalhões), mais um batalhão de fuzileiros (batalhão de reconhecimento) e um regimento de artilharia (4 grupos), além de unidades menores, totalizando cerca de 9.000 homens. A idade da tropa variava entre 17 e 40 anos e os soldados mais jovens e aptos foram concentrados no batalhão de fuzileiros. Durante a batalha final,

ela foi reforçada pelo 4º Batalhão de Montanha (Mittenwald), que foi mantido em reserva. Apesar de seu efetivo reduzido, escassez de veículos e pouca experiência de luta em montanha, essa divisão foi incumbida de defender uma frente de 70 Km (mais do quádruplo de uma frente normal de divisão) e von Gablenz decidiu concentrar o esforço principal de defesa na região que dominava a Estrada 64 - região essa que incluía Monte Castello. Os veteranos que defendiam essa posição não tinham o mesmo entusiasmo do início da guerra, mas ainda estavam dispostos a cumprir com o seu dever.

### AS FORÇAS ALIADAS:

Toda a frente aliada na Itália estava a cargo do 15º Grupo-de-Exércitos, do General Harold Alexander. Subordinados a ele estavam o 5º Exército americano, do General Mark Wayne Clark, e o 8º Exército britânico, do General Sir Richard McCreery. Sob o comando do 5º Exército estavam os 2º e 4º Corpos-de-Exército americanos e o 13º inglês. O 4º Corpo estava sob o comando do Tenente-General Willis Dale Crittenger. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) brasileira ficou subordinada a esse Corpo.



Generais Mark Clark e Mascarenhas de Moraes

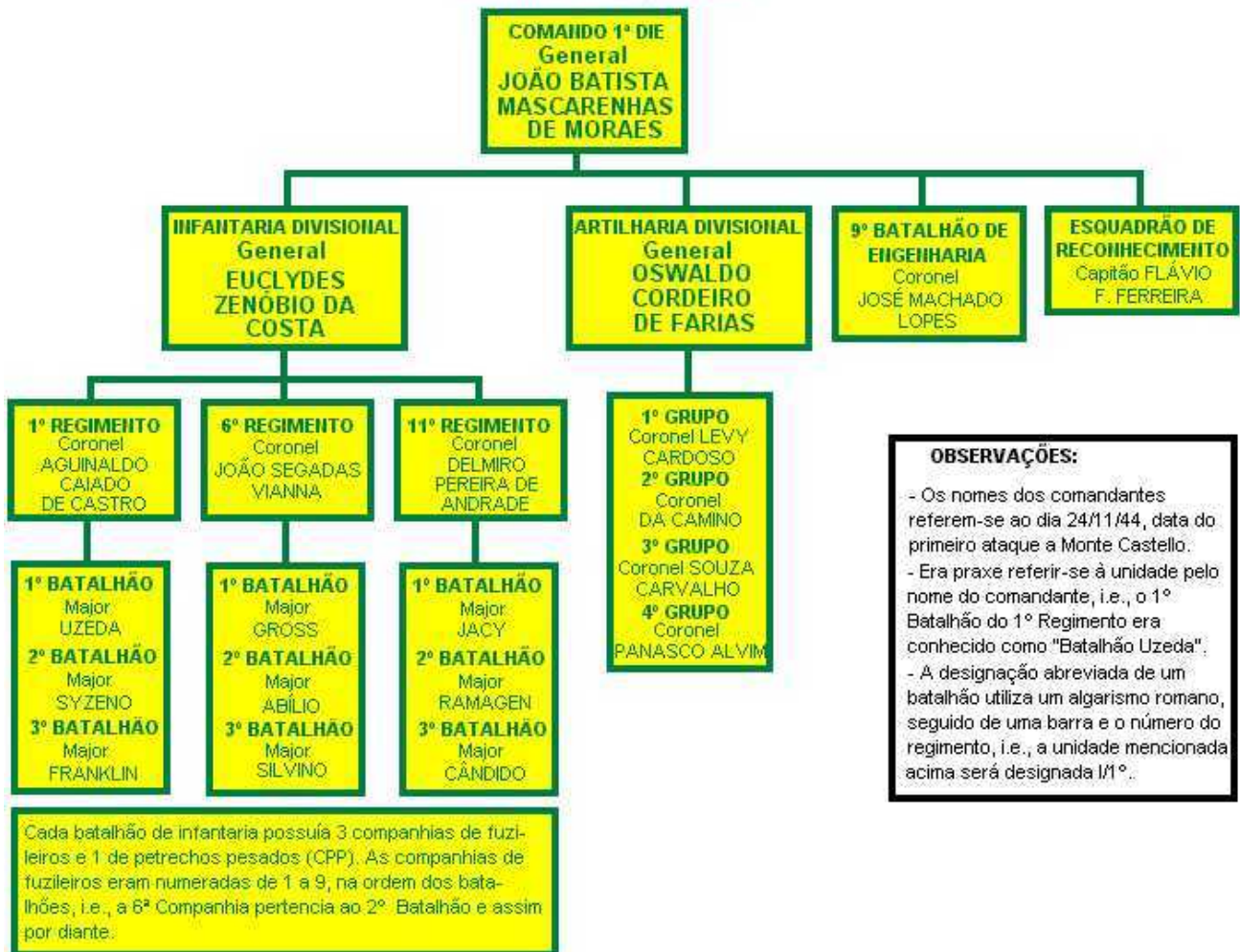
O 4º Corpo tinha acabado de chegar à Itália, em substituição ao 6º Corpo, que fôra retirado para a invasão do Sul da França. Originalmente, o corpo havia sido responsável pela defesa do sudeste dos EUA e agora enfrentava seu primeiro engajamento. Da mesma forma, seu comandante, apesar de ter comandado e organizado vários corpos antes, nunca havia comandado tropas em combate e esta seria a sua primeira e última chance de fazê-lo. Contudo, por ocasião dos primeiros ataques a Monte Castello, a única divisão norte-americana sob suas ordens era a 92ª, de negros, considerada de má qualidade. Outra uni-

dade sua era a 6ª Divisão Blindada Sul-africana, mas esta tinha restrições políticas para o seu emprego. Assim, Crittenberger só podia contar com uma força americana improvisada (a Força-Tarefa 45) e com a única divisão descansada e com efetivos completos, embora com treinamento insuficiente: a 1ª DIE (Divisão de Infantaria Expedicionária), do General João Batista Mascarenhas de Moraes.

O general Mascarenhas de Moraes era um militar aplicado, profissional, que havia enfrentado os conturbados anos 30 no Brasil sempre apoiando a ordem vigente. De fato, um dos motivos para a sua escolha para o comando da FEB (Força Ex-

pedicionária Brasileira) foi o seu absoluto desinteresse por política. Apesar de sua formação sob a doutrina francesa, ele adaptou-se muito bem aos conceitos americanos e enquadrou perfeitamente a sua divisão no comando norte-americano. A 1ª DIE havia sido organizada segundo os moldes do US Army, com três regimentos de infantaria (1º, 6º e 11º), quatro grupos de artilharia (sendo três de obuseiros de 105 mm e um de 155 mm), um batalhão de engenharia (9º) e outras unidades. Os brasileiros, contudo, mantiveram a nomeação de um comandante de infantaria (General Zenóbio da Costa) e um de artilharia (General Cordeiro de Farias), conforme a doutrina francesa.

**ESTRUTURA DA 1ª DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**  
**UNIDADES COMBATENTES**



Os soldados da 1ª DIE eram de origem humilde, de baixo nível de instrução e de compleição física bem mais modesta que os guerreiros que eles enfrentariam ou com quem avançariam ombro-a-ombro (muitos foram para a Itália com vários dentes arrancados durante as inspeções de saúde). Seus oficiais, em alto percentual, eram da reserva (49% nas patentes inferiores a capitão), com al-

gumas incongruências (vários médicos, incluindo o único que clinicava numa região no interior de São Paulo, foram para a Itália como tenentes de infantaria). O 6º Regimento chegou em julho e treinou bastante antes de entrar em linha em setembro, no vale do rio Serchio, onde teve seu batismo de fogo contra tropas alemãs em retirada (o 1º e o 11º, como veremos, não tiveram essa



sorte). O soldado brasileiro teve ainda que enfrentar um inverno extremamente gélido, absolutamente estranho a ele. Mas a versatilidade, a dedicação e a coragem dos "pracinhas" permitiram a eles superar as mais otimistas expectativas.

#### PRIMEIRO ATAQUE A MONTE CASTELLO:

O primeiro ataque caracterizou-se pelo fato da tropa não estar sob comando brasileiro. O 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria (III/6º) e o Esquadrão de Reconhecimento da FEB foram subordinados à Força-Tarefa 45 (General-de-Brigada Paul Rutledge). A Força-Tarefa 45 era uma formação improvisada, consistindo de ex-artilheiros anti-aéreos americanos que ficaram sem função após o quase banimento da força aérea alemã (Luftwaffe) dos céus. Na ocasião, o General Mascarenhas de Moraes foi contra a dispersão de sua tropa, mas como a sua divisão ainda não estava apta para combate, seus protestos foram indeferidos.

A infantaria brasileira atacaria na direção Bombiana - Monte Della Caselina e Monte Terminale, apossando-se de Monte Castello no caminho, mantendo ligação com outra unidade americana, o 2º Batalhão do 370º RI (negros). O Esquadrão de Reconhecimento cobriria o flanco exposto do III/6º (Batalhão Silvino).

O batalhão brasileiro já estava em ação de combate, sem descanso, desde 17/09/44, mas entrou em linha no dia 23 e a operação de substituição só terminou ao anoitecer, o que impediu o reconhecimento do terreno. O ataque, que pretendia obter surpresa com a ausência de preparação de artilharia e sem apoio aéreo, começou às 5:45 h e os alemães, alertados pelos preparativos que eles puderam observar tranqüilamente, reagiram com uma pesada concentração de artilharia. Somente a 7ª Companhia, à direita, conseguiu efetuar um avanço limitado. A 9ª, à esquerda, e a 8ª, em reforço, nada conseguiram, sendo detidas quase imediatamente. Os tanques americanos de apoio também não conseguiram avançar, detidos por minas, e a tropa americana no flanco oeste sofreu baixas pesadas e recuou sem aviso, abrindo uma brecha no flanco da 7ª Cia. Pelas 13:00h, era óbvio que o ataque estava detido e ignorava-se a situação no flanco esquerdo, onde o II/370º devia estar, mas que estava, de fato, completamente desguarnecido.

Às 8:00h da manhã do dia 25, o ataque foi reiniciado, dessa vez visando o próprio Monte Castello. A 4ª Companhia foi despachada para tamponar a brecha deixada pelo II/370º. A tropa do Batalhão Silvino estava mal dormida, mal alimentada e sem reforços. Dessa vez, porém, o ataque foi precedido por preparação de artilharia. A 9ª Companhia

conseguiu conquistar La Cá e C. Vitelline, mas a 8ª sofreu um pesado contra-ataque, inclusive com tanques Tigre, e foi repelida. Durante a noite, a 9ª Companhia, ameaçada de cerco, recuou para o ponto de partida. A oeste, porém, Monte Belvedere caiu em poder dos americanos.

Na madrugada de 26, a 9ª Companhia do III/6º avançou para reocupar C. Vitelline. Porém, no final da tarde, os alemães contra-atacaram e expulsaram-na.



Patrulha brasileira

#### SEGUNDO ATAQUE A MONTE CASTELLO:

A situação continuava precária na região e decidiu-se novamente atacar Monte Castello. Porém, agora o ataque e todas as tropas brasileiras passavam para a responsabilidade do comando brasileiro e foi selecionado um batalhão de cada regimento para executar o novo ataque. Também foram anexados à divisão brasileira dois pelotões de tanques e um de *tank destroyers* (destruidores de tanques). Estimavam-se as forças inimigas em um batalhão em linha e dois em reserva. O ataque foi marcado para o dia 29/11/44.

A infantaria atacante seria o 1º Batalhão do 1º RI (I/1º), o III/11º e o caledado III/6º, em reserva (de fato, o III/6º estava esgotado). As tropas do 1º e do 11º, porém, estavam em treinamento fora de linha, sendo obrigadas a uma marcha forçada (a pé!) que terminou pouco antes do início do ataque. Com isso, não houve tempo para se providenciar a alimentação da tropa, que partiu para o combate de barriga vazia e exausta. Além disso, todos os seus movimentos haviam sido observados pelos alemães.

Era um mau começo, mas o pior estava por vir: um feroz contra-ataque alemão recapturou Monte Belvedere, deixando o flanco esquerdo do ataque brasileiro exposto. Além de capturar 60 americanos, os alemães também capturaram alguns tan-

ques. O tempo e o terreno estavam péssimos, como de costume.

O I/1º (Batalhão Uzeda) atacaria a oeste da linha Ca de Guanela - C. Vitelline - Cota 997; o III/11º (Batalhão Cândido) atacaria a leste dessa linha, rumando para o cume do Castello. O ataque foi precedido por pesada concentração da artilharia divisionária (40 minutos) e as tropas partiram às 7:00h (I/1º) e 8:00h (III/11º), com o apoio de 5 tanques americanos (que acabaram não atuando por "problemas técnicos"). Mas os alemães não paravam de melhorar as suas defesas e posições de tiro antes inexistentes repentinamente abriram fogo. Além disso, os alemães lançaram nutrido fogo de morteiros e de artilharia (cerca de 4.600 projéteis foram disparados pelos alemães só nesse dia), transformando qualquer tentativa de avanço num potencial suicídio.

Apesar de tudo isso, os brasileiros avançaram, com pesadas baixas. O I/1º avançou bem até o meio-dia. A sua 3ª Companhia atingiu a meia encosta do monte (onde perdeu seu comandante, Capitão Salvador Mandim, gravemente ferido na cabeça). A 2ª Companhia, em reserva, recebeu ordem de avançar, mas seu comandante, abalado com o massacre que estava testemunhando, declarou-se incapaz para o comando e foi removido imediatamente (ironicamente, era parente do General Zenóbio da Costa).

O III/11º, aproveitando que a atenção alemã estava mais voltada para o I/1º, conseguiu manobrar e a sua 7ª Companhia atingiu a Cota 760, diante de Falfare (mas foi detida com baixas na Cota 791). A sua 8ª Companhia desbordou C. Vitelline e atingiu a Cota 887, mas o fogo vindo de Abetaia finalmente a deteve. Pelo meio-dia, a 9ª Companhia tentou capturar C. Vitelline, mas as esperanças de êxito esvaneciam-se. No início da tarde, o I/1º se viu forçado a recuar, expondo o flanco do III/11º, que acabou recuando sob pressão. O ataque fracassara. Durante a noite, as tropas atacantes retornaram aos pontos de partida.

As baixas foram extremamente pesadas: 157 no I/1º (29 mortos e 128 feridos) e 28 no III/11º (5 mortos e 23 feridos), totalizando 185. Os alemães tiveram apenas 12 baixas (3 mortos e 9 feridos). Foi só após revistar os corpos dos soldados tombados é que os alemães descobriram que estavam enfrentando brasileiros.

O moral da tropa começou a se abater: um desertor da 9ª Companhia do III/1º apareceu em um posto de comando da 232ª DI no dia 04/12/44.

A conquista do Monte Castello não seria fácil como se pensou a princípio, mas a ordem foi mantida: a divisão brasileira tinha que capturar Monte Castello. Os aliados precisavam manter a pressão sobre os alemães e Crittenger precisava de glórias. Além disso, os brasileiros preci-

savam mostrar aos seus tutores que sabiam guerrear.

### TERCEIRO ATAQUE A MONTE CASTELLO:

O General Mascarenhas decidiu empenhar tropa descansada neste ataque e os escolhidos foram os dois batalhões estreantes do 1º RI (2º e 3º). A frente da FEB na ocasião era de 18 quilômetros e dois batalhões era realmente o máximo que podia ser destacado para ação ofensiva. Toda a artilharia divisional, além do 68º Grupo de Artilharia americano, estava disponível para o ataque. Após alguns adiamentos, o ataque foi marcado para o dia 12/12/44. O dia amanheceu chuvoso e com denso nevoeiro. O terreno, mais uma vez, estava em péssimas condições, com a lama dominando o cenário (os veículos atolavam até o eixos e os homens afundavam até os joelhos). Os planejadores decidiram efetuar um ataque frontal de surpresa, sem preparação de artilharia. Porém, pouco antes do amanhecer, os americanos sofreram um ataque alemão e efetuaram uma barragem de artilharia no seu setor, o que alertou toda a região.

O 3º Batalhão (Batalhão Franklin) partiu às 5:30h (30 minutos antes da hora prevista), ainda escuro. A 9ª Companhia ocupou Gambaiana sem oposição, mas, ao amanhecer, as tropas estavam expostas, perfeitamente visíveis, e os alemães iniciaram a rotineira barragem de artilharia e morteiros pouco antes das 7:00h. O nevoeiro fez com que a visibilidade dos brasileiros fosse nula. O 2º Batalhão (Batalhão Syzeno), ao seu lado, partiu atrasado (às 8:00h) e pagou alto preço em baixas para prosseguir no avanço. Os blindados americanos que apoiariam o avanço do I/1º ficaram atolados e nenhuma ajuda puderam dar.

Às 8:15 h, a 9ª Companhia ocupa as cotas 744 e 718, sempre sob fogo. A 7ª ocupa a cota 779, também debaixo das metralhadoras alemãs do I/1044º.

Um grupo de combate enviado para a cota 803 é massacrado. O tenente Genito do Carmo teve uma sorte descomunal: uma bala atravessou seu capacete de lado a lado, rasgando seu couro cabeludo, e outra furou o bolso de seu capote, dividindo ao meio seu maço de cigarros. Mas ele voltou. Outros não tiveram tanta sorte. O pelotão do Tenente Apolo (2º Batalhão) foi cercado em Fornello, após desbordar C. Vitelline. Foi dizimado. Restaram apenas o tenente e cinco soldados, resgatados por uma patrulha da 7ª Companhia.

Às 9:30h, não se sabe de onde, surgiu a informação de que Abetaia e Mazzancana haviam sido ocupadas por brasileiros. Isso era totalmente falso, pois disparos continuavam partindo de lá contra as tropas atacantes. A reserva da divisão,

o III/11º, foi despachada para lá, apenas para também ser detida. O fogo de artilharia contra aquelas localidades foi suspenso, com consequências funestas.

A 2ª Companhia do I/11º ocupou Falfare como ação diversiva. A 1ª Companhia do mesmo batalhão avançou pelo pequeno vale que conduzia a Abetaia, logo apelidado "Corredor da Morte". Um pelotão, sob a liderança do próprio comandante da companhia, Capitão João Tarcísio Bueno, sofreu pesadas baixas, mas alcançou Abetaia (na ocasião, foram registradas 17 baixas, que passaram a ser chamados "Os 17 de Abetaia". Porém, após a conquista do Castello, contaram-se 26 corpos de brasileiros no local). O capitão conseguiu lançar uma granada de mão pela abertura de tiro de uma casamata, mas não foi suficientemente rápido: uma bala de metralhadora da mesma casamata atingiu-o no peito antes da explosão da granada e o capitão ficou gravemente ferido. Um voluntário que tentou socorrê-lo foi morto e o capitão só pôde ser resgatado de madrugada. A 8ª Companhia atingiu Cá di Berto e o 2º Batalhão atingiu Guanella, mas o prosseguimento do avanço era impossível, pois o batalhão estava sendo alvejado de quase todas as direções. Alguns poucos homens do III/1º conseguiram alcançar o cume do Monte Castello, mas aí foram abatidos. No meio da tarde, era evidente que o ataque fracassara. O General Zenóbio suspendeu o ataque às 14:30h.

Apesar das terríveis condições, as tropas recuaram em boa ordem. Um exemplo de como foi dura a retirada foi a ação do soldado Jorge de Souza, do III/1º: ele teve a barriga rasgada por um estilhaço, mas recusou o auxílio de padioleiros, segurou as entranhas com uma das mãos e o fuzil com a outra. E conseguiu voltar. Outros não foram tão felizes...



Um dos que não voltaram. Os corpos dos brasileiros mortos nos ataques a Monte Castello permaneceram insepultos durante todo o inverno e os alemães ainda colocaram armadilhas explosivas em alguns deles.

O total de baixas foi de 145 (112 no 1º RI e 33 no 11º). Só o III/1º sofreu 52 baixas (11 mortos, 31 feridos e 10 desaparecidos - 9 dos quais encon-

trados mortos após a conquista do monte). Os alemães tiveram apenas 12 baixas (6 mortos e 6 feridos).

Essa derrota quase se transformou numa catástrofe para a FEB. Crittenberger ficou furioso com a suspensão do ataque e o comando americano passou a duvidar da capacidade combativa dos soldados brasileiros. O General Mascarenhas pensou em pedir demissão do posto, mas foi convencido a não fazê-lo pelo General Cordeiro de Farias.

A divisão brasileira era então a única grande unidade no 5º Exército com pleno potencial combativo e o seu fracasso significava que toda a frente teria que parar até que as outras unidades se recuperassem. Do outro lado da Itália, na frente do 8º Exército britânico, o avanço se arrastava e ainda não alcançara o rio Santurmo. Havia informes de concentrações de tropas alemãs no vale do rio Serchio, prenunciando um ataque (que viria logo após o Natal). Com tudo isso, todo o 5º Exército americano passou para a defensiva e teve que suportar um dos piores invernos da história no alto das montanhas e sob constante observação inimiga.

Mesmo entre os brasileiros, o clima ficou pesado. Os responsáveis pelas 2ª e 3ª Seções da FEB (Kruel e Castelo Branco, respectivamente) chegaram a ter uma acalorada discussão na reunião sobre o assunto e o Chefe do Estado-Maior, Coronel Lima Brayner, teceu ácidas críticas a Castelo Branco em suas memórias.

#### A DEFENSIVA DE INVERNO:

Apesar de toda a frente italiana passar o inverno praticamente parada, foi estabelecido o emprego de patrulhas agressivas. Isso deu às tropas brasileiras experiência em combate e maior coesão e confiança entre comandos e comandados. Todas as tropas brasileiras ganharam assim experiência em combate e repletaram seus efetivos. O moral melhorou e a tropa brasileira foi a que teve o menor índice de casos de pé-de-trincheira (congelamento dos pés) em todo o Teatro do Mediterrâneo, o que é extraordinário, se considerarmos que eram soldados vindos de um clima tropical.

No início de fevereiro de 1945, o comando do 4º Corpo apresentou o "Plano Encore" ("Ainda" em francês, o que não deixou de ser uma sutil crítica aos brasileiros, já que era notória a doutrinação francesa dos nossos oficiais). O plano agora destinava à região duas divisões completas: a 1ª Divisão de Infantaria Brasileira (agora experiente, mas ainda não inteiramente confiável para os americanos) e a novata 10ª Divisão de Montanha, de elite. Esta última acabara de chegar à Itália,

após um ano de treinamento nas Montanhas Rochosas, nos EUA. O "Encore" destinava-se a liberar a Estrada 64 e seria, de fato, a abertura da "Ofensiva de Primavera", que incendiaria todo o front italiano.

A 10ª atacaria à esquerda, avançando contra Monte Belvedere, visando Morro Della Torracchia (finalmente compreendeu-se que a conquista do Monte Castello só seria possível com a queda daqueles pontos), enquanto os brasileiros teriam a oportunidade de ir à forra contra Castello.

A unidade escolhida para conquistar o Monte Castello foi o 1º Regimento, o Sampaio.



Soldado brasileiro na neve

#### A CONQUISTA DO MONTE CASTELLO:

O famoso correspondente de guerra Joel Silveira ouviu essa interessante afirmação de um oficial americano, antes da conquista do Monte Castello: — O que os brasileiros não conseguiram fazer, conquistar aquele maldito monte, nenhum outro soldado poderia fazer. Mas tenho certeza de que não tarda e eles chegarão lá!

O 4º e último ataque a Monte Castello foi completamente diferente dos anteriores em muitos aspectos. Dessa vez, os atacantes teriam superioridade numérica (duas divisões contra a enfraquecida 232ª DI alemã), o terreno estava endurecido pelo frio, as condições climáticas permitiriam, pela primeira vez, a atuação da aviação e as tropas que participariam do ataque estavam descansadas e já em linha, após alguns dias de repouso. A operação teve início às 23:00h de 19/02/45, com um audacioso ataque da 10ª Divisão de Montanha, escalando um paredão absolutamente inacessível e pegando os alemães de surpresa em Monte Belvedere e Gorgolesco. Ao entardecer do dia 20, Mazzancana estava em poder dos montanhistas americanos, apesar de pesadas

baixas.

Era a vez dos brasileiros. Com os alemães distraídos pelos americanos, o ataque do Regimento Sampaio começou às 5:30h do dia 21/02/45. Embora o plano prescrevesse que ambas as divisões atacassem simultaneamente, a 10ª estava detida por um contra-ataque alemão em Capela di Ronchidos, de forma que a 1ª DIE partiu sozinha. No ar, os P-47 Thunderbolt do 1º Grupo de Caça brasileiro apoiaram americanos e brasileiros com metralhadoras, alto-explosivo e as terríveis bombas incendiárias de gasolina gelatinosa. Com boa visibilidade, os artilheiros podiam acertar onde quisessem. Além de toda a artilharia divisionária, 18 obuseiros do 248º Grupo de Artilharia americano foram anexados à divisão brasileira. Para o apoio, foram escalados os tanques do 751º Batalhão de Tanques americano. A 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia colaboraria com a infantaria atacante. O moral da tropa era excelente.

O Regimento Sampaio concentrou-se diante de seu objetivo: o 1º Batalhão (Uzeda) atacaria pela esquerda, roçando na 10ª Divisão americana, aproveitando-se do avanço dela para flanquear Monte Castello pelo norte; o 3º Batalhão (Franklin) ficou com a pior parte, o ataque frontal; o 2º Batalhão (Syzeno) ficou em 2º escalão. O II/11º faria um avanço subsidiário e o 6º Regimento se encarregou de uma ação diversionista no flanco direito.

O Batalhão Uzeda progrediu satisfatoriamente e ocupou Fornace e pontos 744, 779 e 718, apesar do terreno escarpado e da reação alemã, enquanto o Batalhão Franklin foi logo detido pela previsível barragem de artilharia, morteiros e metralhadoras. Tentando ajudar o Batalhão Franklin, um observador de artilharia, Tenente Jair L. Sampaio, sobe ao casarão na cota 774 e, da janela, com o rádio ao lado, orienta o fogo da artilharia enquanto a casa é literalmente picotada pelas metralhadoras alemãs (saiu milagrosamente ileso). Nesse meio tempo, o Batalhão Uzeda sofre com as casamatas alemãs evitadas pelos americanos. Na frente da 1ª Companhia, uma delas resiste até a tiros de bazuca e acaba tomada com granadas de mão. Assim a companhia ocupa a Cota 1036. O comando do Regimento (Coronel Aguinaldo Caiado de Castro) lançou a 5ª Companhia (2º Batalhão) na esteira do Batalhão Uzeda: ela ocupa a cota 875 após curto combate. O 2º Batalhão sofrera um bombardeio de inquietação inimigo ainda na área de concentração e tivera algumas baixas.

Às 11:30h, uma concentração da artilharia divisional tentou acelerar o avanço, com três minutos de alto-explosivo e um minuto de fumígenos, mas o vento espalha a fumaça e o Batalhão Franklin

acabou detido novamente. Porém, aos poucos, os pelotões vão se infiltrando. Ao avançar junto às explosões das granadas da artilharia, o pelotão do Tenente Vidal encontrou uma brecha, surpreendendo uma casamata alemã. A 9ª Companhia recebe ordem de seguir o pelotão Vidal e explorar a brecha. Na frente da 7ª Companhia, um canhão anti-tanque de 57 mm foi trazido para a frente e abriu fogo contra uma posição de metralhadora incrustada na rocha (no 35º disparo, a posição é destruída e a 7ª Companhia consegue ocupar 803).

Pelas 12:00h, o General Mascarenhas de Moraes recebe as visitas dos generais Clark (agora no comando do 15º Grupo-de-Exércitos), Lucian K. Truscott (5º Exército) e Crittenberger. O cheiro da vitória estava no ar e todos queriam senti-lo...

Às 13:30h, o Batalhão Uzeda alcança a linha de partida para o ataque ao Castello, planejada para as 15:30h. Às 14:30h, o I/1º conquista as cotas 930 e 875, enquanto o III/1º ocupava a região de Fornello. O II/1º entrou então em linha, enquanto o II/11º se aproximava de Abetaia. O dispositivo é rearticulado e as 1ª, 3ª e 5ª Companhias se alinham para o assalto final.



Posição de metralhadoras .30 brasileiras, em apoio aos atacantes.

No meio da tarde, um incidente lamentável perturbou um dia de vitória: uma companhia americana perdeu-se e veio parar na zona da 2ª Companhia. Confundindo o uniforme brasileiro com o alemão, abriram fogo, matando um soldado e ferindo outros. Ainda hoje, com toda a sofisticação tecnológica, ocorrem baixas por fogo amigo (como ocorreu na Guerra do Golfo), mas este incidente quase teve conseqüências ainda mais graves, pois o Major Uzeda demonstrou a intenção de vingar-se e teve que ser refreado pelo General Mascarenhas.

Os americanos afinal chegaram a Morro Della Torraccia, mas atravessaram por C. Zolfo, cruzando a frente da 1ª Companhia, o que atrasou o bombardeio previsto para a arrancada final sobre Monte Castello. Os alemães aproveitaram a confusão para escapar da armadilha (em um ponto,

um grupo de 30 alemães recuou arrastando um canhão), sem que os brasileiros pudessem fazer nada.

É fácil imaginar o estardalhaço que se faria se fosse uma tropa brasileira a fazer tamanha "lambança"!

Uma maciça concentração de toda a artilharia divisionária foi solicitada pelo General Zenóbio da Costa e foi desfechada por volta das 16:00h, transformando o cume do Castello numa paisagem lunar. Embora ela tenha realmente desmoralizado os defensores, ela pegou também dois pelotões do 3º Batalhão que já estavam prestes a atingir o cume. O comandante do pelotão da vanguarda, Tenente Vidal, pelo rádio, implorou ao Capitão Walter M. Paes, Oficial de Operações do batalhão:

— Capitão, não deixe mais a artilharia atirar! Nós chegaremos lá em cima sem ela! Agora falta pouco!

Às 16:20h, o Batalhão Uzeda partiu, sendo imediatamente recebido por viva reação alemã. A 2ª Companhia (cujo comandante, Capitão Edson Ramalho, participou do ataque doente e tendo recebido a notícia do falecimento de sua mãe na véspera) captura C. Zolfo, fazendo 16 prisioneiros. Em uma casa, encontra alguns americanos perdidos que também guardam um grupo de prisioneiros.

Afinal, os 1º e 3º Batalhões encontraram-se no cume do Castello (pelotão do Tenente Aquino, do 1º Batalhão, e do Tenente Vidal, do 3º). Às 17:50h, o Tenente-Coronel Emílio Rodrigues Franklin, comandante do III/1º anunciou pelo rádio:

— Estou no cume do Castello!

Às 18:00h, Zenóbio fez o mesmo comunicado diretamente ao general Mascarenhas.

A luz do dia vai esmaecendo. Restavam ainda consolidar o terreno, eliminar os últimos focos de resistência e preparar-se para um possível contra-ataque alemão (um grupo de alemães extraviados atacou a posição do Tenente Vidal, ferindo-o). Na escuridão que se seguiu, a única forma de identificação era o idioma (um palavrão bastava para uma identificação 100% segura). Por volta das 22:00h, chegam também as 7ª e 8ª Companhias.

Um pelotão da 6ª Companhia do 11º Regimento ocupou posições junto a Abetaia como ação diversiva e eventualmente ocupou a localidade às 2:50h, fazendo 4 prisioneiros.

O total de baixas brasileiras na conquista do Castello foi 87 (8 mortos e 79 feridos), dos quais, o III/1º teve 22 baixas (2 mortos e 20 feridos). Foram contados 30 alemães mortos e foram feitos 27 prisioneiros.



O contra-ataque alemão não veio, pois todas as reservas locais da 232ª Divisão alemã haviam sido aspiradas para a frente da 10ª Divisão de Montanha americana. Porém, os brasileiros no cume e nas fraldas do fatídico e agora dominado Monte Castello tiveram que suportar pesados bombardeios alemães (nesses bombardeios, o comandante da 3ª Companhia, Capitão Yedo Jacob Blauth, foi gravemente ferido e o Tenente Godofredo Cerqueira Leite foi morto, após recusar três vezes a sua substituição por motivo de saúde). Mas agora nenhum bombardeio faria diferença. Como disse o Coronel Caiado de Castro:

— Agora ninguém mais nos tira daqui!



Soldados brasileiros escoltando prisioneiros

#### DESFECHO:

Dois dias depois, a 6ª Companhia do II/1º conquistou, a duras penas, La Serra, atrás de Torracia. Correndo o risco de serem cercados, os alemães efetuaram furiosos contra-ataques que foram afinal repelidos ao amanhecer do dia 24. Isso ajudou a 10ª americana a afinal conquistar Morro Della Torracia, arrombando de uma vez por todas a "Linha Gótica" alemã.

Com a conquista desse setor, a estrada 64 para Bolonha estava livre da observação alemã e agora eram os alemães que ficavam sob a observação aliada. O estrago feito na 232ª Divisão alemã foi tal que o 1043º RI foi dissolvido e o inimigo se viu forçado a trazer a 114ª Divisão Ligeira e a 29ª Divisão Panzergrenadier, da sua reserva, tirando-as do caminho do esforço principal que seria executado pelo 2º Corpo na direção de Bolonha.

Com o início da ofensiva de primavera, em abril, o 4º Corpo desembocou no vale do rio Pó, após a conquista de Montese pelos brasileiros, e soltou a 1ª Divisão Blindada americana pelo vale, o que acabou com a guerra estática, sangrenta e monótona das montanhas italianas. Com escassez de veículos e de combustível, as forças alemãs não

podiam competir em mobilidade com as aliadas e antes do fim do mês as forças alemãs na Itália entravam em colapso (renderam-se uma semana antes do fim da guerra). No momento da rendição alemã, tropas brasileiras haviam quase chegado à fronteira francesa e cercado uma divisão alemã inteira (a 148ª).



Soldados brasileiros descansam após a batalha

#### LEGADO:

O golpe de 1964 e tudo o que de lamentável ocorreu durante os anos de ditadura militar levaram o povo brasileiro, de uma maneira geral, a desconsiderar o que de bom foi também conseguido durante aqueles anos. Não se trata de fazer comparações nem insinuações políticas, mas o fato é que o Exército Brasileiro desde então passou a ser encarado com desconfiança por grande parte da população, além do que, a carreira militar passou a ser considerada somente como um trabalho com a cada vez mais valiosa estabilidade no emprego.

Esses aspectos contribuem para que suas legítimas glórias sejam ignoradas, esquecidas ou caluniadas. A vitória de Monte Castello, por menos expressiva que possa parecer numa análise fria e imparcial da campanha italiana (ou mesmo da 2ª Guerra Mundial), não diminui em nada a coragem e habilidade do nosso "pracinha". Afinal, para aqueles homens que estavam tentando subir naquele insignificante morro, não fazia diferença se com a sua conquista os aliados ganhariam a guerra ou construiriam um shopping! Eles subiram porque era seu dever subir. Eles subiram porque sabiam que representavam o Brasil, país agrícola, subdesenvolvido, sob um governo ditatorial muito parecido com o que eles estavam ajudando a destruir, numa ironia que não passou despercebida a ninguém. Eles subiram naquele monte, e tantos outros, debaixo de balas alemãs, não importando se o inimigo era formado por fanáticos SS, velhos de 60 anos ou garotos de 16, pois o fato é que esses restos do agonizante poderio nazista tinham dedos e os usavam para puxar gatilhos! E subiram vendo seus companhei-

ros tombando ao lado, sem parar. Nunca fugiram! Em todos os ataques ao Monte Castello, os soldados só recuaram com ordens, quando o bom senso dizia que dali por diante qualquer derramamento de sangue a mais seria pura estupidez. E acabaram subindo, provando que os brasileiros podem se equiparar a qualquer povo do mundo! Não somos em nada inferiores a ninguém! Aqueles "pracinhas" provaram isso com o sangue derramado por quase 500 baixas e, portanto, não podem ser ignorados, esquecidos ou caluniados.

A eles, nosso respeito e admiração.